

Saberes lexicais

Mundos, mentes e usos

A. Ariadne Domingues Almeida
Elisângela Santana dos Santos
Juliana Soledade
(Organizadoras)



2015, autores.
Direitos para esta edição cedidos à Edufba.
Feito o depósito legal.
Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico: Edson Nascimento Sales
Capa: Marcello Vanzillotta Filho
Editores: Edson Nascimento Sales e Marcello Vanzillotta Filho
Normalização: Sandra Batista e Mailson Lopes
Revisão: Larissa Nakamura e Paulo Bruno F. da Silva
Tradução do inglês: Prof.^a Dr.^a Risonete Lima de Almeida
Tradução do francês: Prof. Me. William de Lima Maia

Ficha Catalográfica: Fábio Andrade Gomes - CRB-5/1513

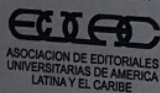
P154 Saberes lexicais: mundos, mentes e usos / Aurelina Ariadne Domingues Almeida,
Elisângela Santana dos Santos, Juliana Soledade, Organizadores. – Salvador:
EDUFBA, 2015.
592 p.

ISBN: 978-85-232-1390-9

1. Língua portuguesa Semântica. 2. Lexicologia. 3. Semântica. I. Almeida, Aurelina
Ariadne Domingues. II. Santos, Elisângela Santana dos. III. Soledade, Juliana.

CDU: 811.134.3

Editora filiada à



CBaL
Câmara Bahiana do Livro

Editora da UFBA
Rua Barão de Jeremoabo
s/n – Campus de Ondina
40170-115 – Salvador – Bahia
Tel.: +55 71 3283-6164
Fax: +55 71 3283-6160
www.edufba.ufba.br
edufba@ufba.br

Saberes lexicais e a mente corporificada

- Léxico, cognição e contexto** 185
Saliência, conceptualização situada e evidência quantitativa
Augusto Soares da Silva
- Linguística cultural e o estudo do léxico da língua portuguesa (PE e PB)** 217
A linguagem-em-uso, os sentidos múltiplos e as operações de perspectivação conceptual
Hanna J. Batoréo
- Notícias sobre a polissemia do verbo "tomar" no português arcaico** 255
Elisângela Santana dos Santos
- O léxico também usa prada?** 279
Léxico, cognição e publicidade
José Teixeira

Co.nex.õ.e.s lexicais

- Os radicais no léxico do português contemporâneo** 31
Alina Villalva
- Mudança no estatuto morfológico de formativos** 32
Evidência de um continuum composição-derivação
Carlos Alexandre Victorio Gonçalves
- Variante terminológica lexical** 3
Um estudo das reduções
Enilde Faulstich
- Léxico, gramática e processamento**
Graça Maria Rio-Torto

Mudança no estatuto morfológico de formativos

Evidência de um *continuum* composição-derivação

Carlos Alexandre Victorio Gonçalves

Constitui nosso objetivo, neste trabalho, mostrar que a mudança morfológica, tal como apontam, entre outros, Bauer (2005), Petropoulou (2009) e Ralli (2008), constitui um dos principais indicadores de um *continuum* composição-derivação, já que afixos podem originar-se de palavras ou radicais presos, revelando que, diacronicamente, itens morfológicos nem sempre preservam seu estatuto original. Neste artigo, procuramos mostrar que muitos dos chamados “radicais eruditos” (CUNHA, 1975; LUFT, 1978) – sobretudo os encontrados na segunda posição, como -logo, -latra, -grafo, -metro e -dromo – vêm formando séries de palavras e se comportado como sufixos no português contemporâneo (pelo menos na variedade brasileira).

O trabalho é dividido da seguinte maneira: em primeiro lugar, refletimos sobre as principais diferenças entre composição e derivação, tomando por base recentes propostas de tratamento para o binômio na literatura linguística contemporânea. Na sequência, trazemos evidências históricas de mudança no estatuto morfológico dos cinco “radicais eruditos” tomados para análise. Por fim, mostramos as vantagens de analisar composição e derivação como polos de um *continuum*,

ênfatizando que essa proposta é extremamente promissora e encontra guarida na morfologia do português.

Sobre as principais diferenças entre composição e derivação

Na literatura recente, os processos de formação de palavras têm sido objeto de discussão em abordagens linguísticas de orientações teóricas as mais variadas. No que diz respeito à composição e à derivação, diferentes posturas são adotadas. Há autores que entendem derivação e composição como processos totalmente distintos, sendo o primeiro processado no léxico e o segundo, na sintaxe (ANDERSON, 1992), dada a alta transparência dos compostos para operações de concordância. Por outro lado, há abordagens que negam por completo a existência de fronteiras rígidas entre os dois mecanismos, alegando que ambos são instâncias da formação de palavras e, por isso mesmo, governados pelos mesmos princípios. (BOOIJ, 2005; SINGH, 1997) Há, ainda, os que, apesar de assumirem que composição e derivação são operações diferentes, defendem que tais mecanismos não podem ser distinguidos claramente e que os limites entre tais processos são difusos. (GONÇALVES, 2011a; KASTOVSKY, 2009; RIORORTO; RIBEIRO, 2012)

Dentre as diferentes perspectivas sobre o binômio, chama atenção a postura adotada por autores como Bauer (2005), Kastovsky (2009) e Ralli (2010), para os quais as fronteiras entre composição e derivação são flexíveis e o que existe mesmo é um *continuum* morfológico que abarca desde os mais prototípicos casos de composição, passando por formações lexicais que dividem características tanto composicionais quanto derivacionais, aos casos de derivação prototípica. Face aos limites difusos entre composição e derivação, identificam-se elementos morfológicos de difícil classificação, por se encontrarem em posição intermediária nesse *continuum*. Dentre esses casos, podem ser mencionados os radicais neoclássicos, os quais apresentam características tanto composicionais quanto derivacionais. (GONÇALVES, 2011b; LÜDELING, 2009)

Na tabela a seguir, extraída de Gonçalves (2011a), são listadas as principais diferenças entre os dois processos. Essa lista de características, no entanto, só se aplica inteiramente aos casos mais prototípicos, pois – mostram Bauer

(2005), Booij (2005) e Fandrich (2008), entre outros autores – categorizar um constituinte como radical ou afixo não constitui tarefa das mais simples, já que há, nas línguas naturais, formativos com características dessas duas operações morfológicas.

Em português, observam Gonçalves (2011a) e Gonçalves e Andrade (2012), vem sendo cada vez mais comum o emprego de uma série de elementos difíceis de categorizar:

- a) *splinters*, pedaços de palavras que se originam de cruzamentos vocabulares e criam séries de novas formações (caipi-, -drasta, -trocinio);
- b) *xenconstituíntes*, *splinters* importados diretamente do inglês, mas amplamente utilizados em português (*cyber-*, *pit-*, *wiki-*, *-tube*) e;
- c) elementos neoclássicos ressemantizados, como *bio-* e *homo-*, que compactam o significado de “biologia” e “homossexual”, levando essas acepções para novas criações lexicais (“*bio-combistível*”, “*homo-estimulante*”).

(01)

Quadro 1 – Composição e derivação: contrapontos

	Composição	Derivação
As unidades	Radicais Palavras	Afixos
	Lexemas autônomos Formas encurtadas, presas, que remetem a palavras	Elementos de fronteira (formas presas que não correspondem a palavras)
Características estruturais	Unidades com posição não necessariamente fixa na estrutura da palavra	Unidades definidas por uma posição pré-determinada na estrutura da palavra (à esquerda ou à direita)
	A variável lexical utilizada é predominantemente a palavra	A variável lexical utilizada é predominantemente o radical
	Cabeça lexical à direita ou à esquerda	Cabeça lexical à direita
	Possibilidade de existir relação de coordenação entre constituintes	Ausência desse tipo de relação
	Possibilidade de flexão entre constituintes	Flexão periférica
Característica fonológica	Realização em mais de uma palavra prosódica	Realização em uma única palavra prosódica
Características semânticas	Expressa um significado lexical	Manifesta um conteúdo gramatical ou funcional
	Pode ser endocêntrica ou exocêntrica	Predominantemente endocêntrica

Saberes lexicais: mundos, mentes e usos

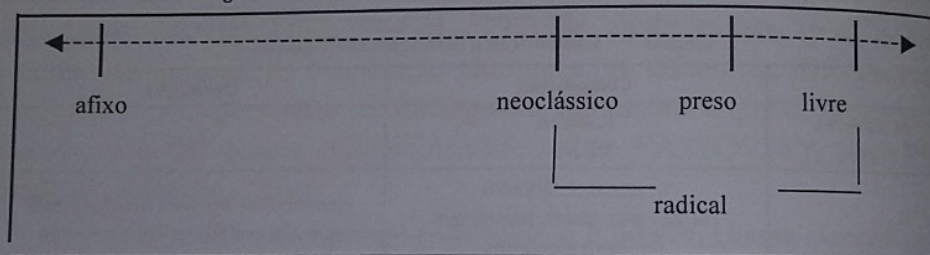
Produtividade e produção	Forma conjuntos mais fechados de palavras (é mais <i>ad hoc</i>)	Forma conjuntos mais completos de palavras (é mais regular)
	Caracteriza grande número de formas manufaturadas	Produz palavras em série

Fonte: Elaborado pelo autor.

Booij (2005) defende que a composição e a derivação não são processos claramente distintos e que suas fronteiras são maleáveis de ambos os lados. Sobre isso, Ralli (2007) propõe um *continuum* de unidades envolvidas na formação de palavras, que vai do polo esquerdo, ocupado pelos afixos, ao polo direito, ocupado pelos radicais livres, passando pelos radicais presos e neoclássicos, como se vê na representação feita em (02), a seguir. Entre os extremos dessa escala, encontram-se, então, elementos de fronteira, a exemplos dos afixoides.

(02)

Figura 1 – *Continuum* afixo-radical proposto por Baker (2000)



Fonte: Baker (2000).

Gramaticalização: evidência da flexibilização de fronteiras

Processos de gramaticalização evidenciam a possibilidade de transitar da composição para a derivação, sendo bastante numerosos os exemplos históricos desse percurso nas línguas naturais. (JOSEPH, 1998) Um caso já clássico desse tipo de mudança em português e nas demais línguas neolatinas é o de *-mente*, hoje sufixo formador de advérbios a partir de adjetivos. Em latim, estruturas *X-mente* tinham estatuto de composição sintagmática, visto que o elemento à direita figurava como forma livre na língua (um substantivo feminino) e era depreendido

como tal nas construções de que participava. Relata-nos Alves (1987) que a enorme produção de novas formas fez com que -mente passasse a funcionar como sufixo. A esse propósito, comenta a autora:

Em latim, a partícula *mente*, substantivo, fazia parte de formações compostas: *bona mente*, *fera mente*. A partir do momento em que passou a juntar-se a adjetivos, como em '*rapidamente*', '*recentemente*', perdeu a significação e o valor substantivo e, de termo componente, passou a funcionar como sufixo criador de advérbios. (ALVES, 1987, p. 35)

Gramaticalização semelhante à de -mente vem ocorrendo, no nosso entendimento, com alguns radicais gregos adjungidos à direita. Construções agentivas e instrumentais terminadas em -logo ("arqueólogo"), -grafo ("coreógrafo"), -latra ("chocolatra") e -metro ("olhômetro"), bem como as formações locativas finalizadas em -dromo ("camelódromo"), reforçam a proposta de *continuum* composição-derivação, fornecendo evidência empírica em favor da proposta de autores como Baker (2000), Ralli (2007) e Kastovsky (2009).

A seguir, analisamos esses formativos desde sua entrada na língua até os dias atuais. Para tanto, utilizamos, como fontes de informações diacrônicas, compêndios de gramática histórica (COUTINHO, 1968; SAID ALI, 1966), manuais de filologia e linguística portuguesa (MELO, 1981; LAPA, 1971) e, principalmente, dicionários etimológicos. (BUENO, 1988; COROMINAS, 1987; CUNHA, 1994; MACHADO, 1967) e dicionários morfológicos (GÓES, 1937, 1945; HECKLER et al., 1981)

Os dados que embasam a análise foram recolhidos de dicionários eletrônicos (Aurélio, 1999; Michaëllis, 2007; Houaiss, 2001; Aulete, 2009), através de ferramentas de busca encontradas nas próprias obras; posteriormente, com o objetivo de chegar ao maior número possível de formações recentes, utilizamos os rastreadores eletrônicos Google e Yahoo, conseguindo, com isso, extrair dados de *blogs*, *chats* e *posts* nas redes sociais, como o Orkut e o Facebook.¹

O comportamento dos formativos tomados para análise

Apresentamos, a seguir:

- a) a visão de alguns gramáticos, dicionaristas e morfólogos do português sobre a composição de base presa, com ênfase nos formativos tomados para análise – -logo, -grafo, -latra, -metro e -dromo;
- b) uma breve investigação histórica sobre esses elementos;
- c) indícios de seu comportamento como sufixos no português brasileiro;
- d) modificação no significado prototípico de todos esses elementos formais; e, por fim,
- e) seu possível posicionamento no *continuum* derivação-composição.

Segundo os critérios empíricos que reunimos no quadro em (01).

As gramáticas tradicionais são unânimes na alegação de que o processo de formação de palavras que envolve a utilização dos formativos gregos -logo, -latra, -grafo, -metro e -dromo é tipicamente a composição. Cunha & Cintra (1985, p. 107-110) observam que palavras formadas por tais “radicais” são compostos eruditos resultantes da associação morfossintática de duas bases; ressaltam, ainda, que esses elementos ocorrem preferencialmente na segunda posição.

Campos (1935) mostra que a nomenclatura científica, técnica e literária é basicamente constituída de palavras formadas pelo modelo de composição greco-latina, no qual o primeiro radical é determinante do segundo, a exemplo do que se observa nos dados em (03), a seguir:

(03)

pneumólogo	saurógrafo	idólatra	hipódromo	cronômetro
teatrólogo	taticógrafo	alcólatra	velódromo	centímetro
africanólogo	fotógrafo	pirólatra	canódromo	volúmetro
geógrafo	geógrafo	hipnólatra	autódromo	barômetro

Pelas descrições encontradas nas gramáticas, as formações em análise teriam, todas elas, pelo menos uma propriedade que as aproximaria da derivação: o fato de a cabeça lexical sempre figurar à direita. Três deles – -logo, -latra e -dromo – são formas claramente presas, possuindo, assim, mais uma característica das derivações mais ordinárias; -metro, ao contrário, corresponde a uma palavra,

o substantivo “metro” (“unidade de medida”), tendo, por isso mesmo, estatuto maior de lexema. Em uma posição intermediária parece estar -grafo, que, apesar de não ser uma palavra, no sentido estrito do termo, manifesta um conteúdo mais lexical, talvez em função da alta frequência de formas como “grafar” e “grafia”.

O critério posição também foi indiretamente aludido por Cunha & Cintra (1985). Considerando esse parâmetro, igualmente haveria distinção entre os formativos, pois -metro, -grafo e -logo seriam interpretados como radicais por também aparecerem à esquerda, como se vê em (04), diferenciando-se, com isso, de -dromo e -latra, sempre adjungidos à direita:

(04)

métrico	logosfia	grafar
metragem	logomania	grafema
metrista	lógica	grafia

Martinet (1979) denominou de “confixos”² os elementos sem posição pré-determinada na estrutura da palavra, como os apresentados em (04). O critério mobilidade posicional, portanto, iria nos levar a categorizar tais constituintes como radicais, já que verdadeiros afixos não mudariam de lugar. A posição no interior da palavra, entretanto, não é considerada um critério 100% seguro. Autores como Iorgu e Manoliu (1980) apoiam-se em argumentos históricos para mostrar que a existência de formas com um sufixo aparecendo na posição de radical é evidência de que se processou de fato uma mudança no estatuto de tais elementos. Para autores como Booij (2005), Petropoulou (2009) e Ralli (2008), dados como os apresentados em (04) corroboram o processo de gramaticalização.

Delinear o caminho percorrido pelos formativos sob suspeição desde sua entrada na língua até a atualidade não é tarefa das mais fáceis, mas uma abordagem dessa natureza é imprescindível para checar uma eventual mudança de estatuto morfológico. Foi o que tentamos fazer, sem grandes pretensões na área, pois sabemos do rigor que uma pesquisa dessa envergadura requer em termos metodológicos. Nessa empreitada, baseamo-nos, fundamentalmente,

- a) no depoimento de gramáticos históricos,
- b) nas datações apontadas pelos dicionários etimológicos e, sobretudo,
- c) no comportamento estrutural das formações mais antigas, quando comparadas às mais novas.

Cunha (1994) apresenta -grafo, -logo, -latra, -dromo e -metro como elementos de composição e formadores de vocábulos na própria língua grega. Destaca, além disso, que esses formativos foram introduzidos na linguagem científica internacional a partir do século XIX, a exemplo de “barômetro”, “egiptólogo”, “pirólatra”, “taquígrafo” e “acródromo”. Formas mais antigas com essas terminações foram importadas para o português no Renascimento, entre os séculos XV e XVII. Tal é o caso, entre outras, de “idólatra” (1572), “hipódromo” (1667) e “epílogo” (1566). Duas palavras em -logo, “prólogo” e “diálogo”, são ainda mais antigas: datam dos séculos XII-XIII.

Com base na datação, podemos propor a seguinte linha temporal para os formativos em análise, considerando, para tanto, apenas as palavras nas quais ocupam a segunda posição:

(05)

Quadro 2 – Linha temporal: formativos

Século de ingresso	-logo	-grafo	-latra	-dromo	-metro
Formas antigas (sécs. XII-XIII)	prólogo diálogo	-	-	-	-
Formas importadas no Renascimento (sécs. XV-XVII)	epílogo decálogo astrólogo catálogo	-	idólatra	hipódromo	-
Formas importadas na nomenclatura científica (séc. XIX)	alergólogo pneumólogo epidemiólogo biólogo	taquígrafo geógrafo biógrafo hagiógrafo	pirólatra litólatra	temos da botânica acródromo	centímetro barômetro altímetro aerômetro
Formas novas (sécs. XX-XXI)	museólogo sexólogo teatrólogo leprólogo	museógrafo siglógrafo tragediógrafo	todas as demais	todas as demais	balímetro ultrômetro

Fonte: Elaborado pelo autor.

O quadro em (05) sugere que as formas passaram, em linhas gerais, por dois grandes momentos de importação direta:

- até o século XVII, com ingresso via erudita, do grego ou do latim, e
- no século XIX e primeiro quartel do século XX, com a utilização na linguagem científica internacional, sendo predominantemente emprestadas do francês e do italiano.

A partir desse período, novas formas são criadas já em português, o que se evidencia, por exemplo, no tipo de base utilizado.

Até o século XX, palavras com as terminações em exame eram empréstimos. A maioria delas, por apresentar um radical preso na primeira posição, é extremamente opaca em termos estruturais, não havendo, adicionalmente, regularidade em relação ao significado, de modo a fornecer condições mínimas de isolabilidade das partes. Os dados a seguir, de -logo e -grafo, confirmam o que estamos afirmando:

(06)

prólogo	autógrafo
análogo	linógrafo
penálogo	polígrafo
antólogo	mimeógrafo
ictiólogo	geógrafo

A ampla utilização dessas terminações na nomenclatura científica, literária e filosófica, aliada à alta proliferação de formas com significado relacionado, parece ter fornecido condições mínimas para o reconhecimento da estruturação morfológica e, com isso, novos eruditismos foram criados, mas de maneira deliberadamente arquitetada, caracterizando o que podemos chamar, recorrendo a Sandmann (1985), de palavras manufaturadas. Tal fato parece ter levado

- a) à fixação dos empréstimos no léxico;
- b) à formação de palavras a partir de palavras e;
- c) à produção em série, o que provavelmente engatilhou uma mudança no estatuto morfológico desses constituintes ainda no século XX.

No século XX, portanto, todos esses elementos aparecem vinculados a formas livres, deixando de se combinar apenas com radicais presos. Certamente por ação da analogia, fixa-se a vogal que antecede o formativo. Nas formas mais antigas, como se vê nos exemplos a seguir, em (07), não há regularidade nesse constituinte, tradicionalmente classificado como vogal de ligação. Nas mais novas, ao contrário, a vogal é sempre uma média posterior aberta, exceto nas construções X-metro, por conta da adjacência com uma nasal, como atestam os dados em (08).

(17)

Quadro 3 – Casos de formas mais antigas e não regularidade de constituinte

	-a	-ê, é	l	ô, ú
-logo	análogo catálogo diálogo quincálogo decálogo		epílogo trílogo	heterólogo homólogo isólogo psicólogo rabéólogo
-grafo	parágrafo	telégrafo	calígrafo estratígrafo rafígrafo polígrafo postígrafo	corógrafo crisógrafo dactilógrafo mimeógrafo monógrafo
-metro	decâmetro diâmetro gigâmetro rotâmetro voltâmetro	marômetro telêmetro	acustímetro aerímetro taxímetro aplaudímetro parquímetro	litômetro nefômetro optômetro pugilímetro sismômetro
-lata	-	-	-	estratôlata heliôlata ufôlata iconôlata egôlata
-dromo	-	-	-	hipódromo autódromo velódromo actinódromo lupódromo

Fonte: Elaborado pelo autor.

(18)

Quadro 4 – Casos de formas mais novas, vogais médias abertas e exceção

Vogal	-ô	ó
-metro	imposômetro, semancômetro, loucômetro, gasômetro, bafômetro,	-
-logo	-	sexólogo, futurólogo, pneumólogo, teatrólogo, lexicólogo
-dromo	-	sambódromo, fumódromo, camelódromo, boiódromo, kartódromo
-lata	-	ervejólata, dinheirólata, cinemólata, globólata, musicólata

Mudança no estatuto morfológico de formativos

Vogal	-ô	ó
-grafo	-	oceanógrafo, biógrafo, oscilógrafo, sismógrafo, cardiógrafo

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados em (07) e (08) sugerem a fixação de um padrão: a vogal, outrora imprevisível e entendida como elemento relacional, passa a ser parte integrante dos formativos à direita. O acento na antepenúltima sílaba consome, no nosso entendimento, outra característica do polo significante dessas construções. Lehmann (1991, p. 493) aponta os três efeitos da gramaticalização, destacados a seguir, em (09). Observe-se que todos se aplicam inteiramente às formações em exame:

(09)

1. passagem de um elemento menos gramatical para um elemento mais gramatical;
2. perda de características fonológicas (erosão/atrição fonológica, mudança segmental ou suprasegmental) e semânticas (extensões polissêmicas);
3. diminuição da liberdade de manipulação do elemento, que se integra a um paradigma, tornando-se cada vez mais regular em certas construções e ocupando posição mais fixa.

As novas formações distanciam-se – e muito – dos eruditismos mais antigos e experimentam novos usos, muitos dos quais até bastante populares, como comprovam os exemplos em (10), abaixo, em que as bases em nada lembram os opacos elementos que figuravam à esquerda:

(10)

beijólogo	barrigólogo	cigarrólogo	bucetólogo
baiolódromo	bodódromo	fumódromo	trepódromo
desconfiômetro	olhômetro	manômetro	bichômetro
orkutólatra	cinemólatra	coca-cólatra	cuzólatra

A possibilidade de se ligarem a palavras provocou aumento na produtividade dos formativos e favoreceu o alargamento no significado de todos eles⁵. A título de exemplificação, os dados em (11), a seguir, analisados em Rondinini (2004) e em Rondinini e Gonçalves (2007), evidenciam que a noção básica

de "agente especialista" (estudioso em X), típica das formações X-ólogo, como "africanólogo", "cosmetólogo" e "criminólogo", estende-se para "apreciador especialista", nomeando alguém que se caracteriza não somente pela apreciação e pela habitualidade, mas também por um alto grau de entendimento do que se especifica na base:

- (11)
cervejólogo
funkólogo
mulherólogo
cigarrólogo
biscoitólogo

A constatação de que existe um modelo geral para a criação de palavras terminadas nesses elementos formais valida as proposições iniciais de que eles não mais se comportam como radicais, deixando de funcionar como bases na formação de compostos. Essa pequena análise histórica, portanto, sustenta a proposta de Bauer (2005), uma vez que os cinco formativos aqui analisados, ao que tudo indica, transitaram, ao longo da história do português, da composição para a derivação, tendo hoje mais propriedades de derivados que de compostos. Para validar essa proposta, aplicamos, na próxima seção, os critérios empíricos utilizados por Préié (2008) para diferenciar afixos de radicais e/ou formas combinatórias,⁴ observando em que medida se aplicam aos formativos em exame.

Critérios para diferenciar raízes de afixos

Kastovsky (2009), com base em Préié (2008), estabelece alguns critérios para diferenciar afixos de radicais e/ou formas combinatórias. Os parâmetros empregados por Préié (2008) são elencados em (12):

- (12) 1. expansão de inventários, 2. forma distinta, 3. restrições de co-ocorrência, 4. função sintática, 5. relação cabeça-modificador, 6. natureza do significado, 7. padrãoomorfossemântico, 8. produtividade.

O critério (1) remete à ideia de que afixos pertencem a um conjunto (relativamente) fechado de unidades gramaticais e, em decorrência, novos elementos são admitidos; radicais, ao contrário, pertencem a um conjunto (relativamente) aberto de unidades léxico-gramaticais e, por isso mesmo, novos itens são admitidos. De acordo com Kastovsky (2009), esse critério é duvidoso por dois motivos, fundamentalmente: (i) cria precedente, ao empregar o advérbio "relativamente"; e, sobretudo, (ii) pode ser refutado por evidências históricas encontradas em várias línguas, uma vez que a categoria afixo pode ter seu inventário expandido, seja por empréstimos ou por mudança em itens lexicais independentes, como documentado, por exemplo, em Joseph (1998).

No critério seguinte, forma distinta, diferencia-se afixo de forma combinatória (doravante FC) nos seguintes termos (PRÉIÉ, 2008): afixos apresentam formas fonéticas diferentes, enquanto FCs, dependendo da análise, terminam ("astro", "bio") ou iniciam em um mesmo segmento ("ólogo", "ódromo", "ólatra"). Para nós, esse argumento também não é inteiramente consistente, pois vários sufixos do português se iniciam por [i] e seu estatuto de afixo nunca foi questionado por isso:

(13)		
-ia (reitoria)	-ismo (terrorismo)	-ista (motorista)
-ice (burrice)	-inho (copinho)	-íssimo (belíssimo)
-ico (calórico)	-ite (laringite)	-imo (acréscimo)
-icha (barbicha)	-isco (chuvisco)	-ição (quebração)
-izar (utilizar)	-itar (saltitar)	-iscar (mordiscar)

O parâmetro restrições de co-ocorrência, com o qual se observa que tipo de constituinte morfológico se combina com o elemento em análise, leva-nos a categorizar como sufixais todas as construções em exame, uma vez que se adjungem, do mesmo modo que sufixos ditos legítimos, tanto a formas com livre curso ("impostômetro", "sapatólatra"; "faringite", "preguicite") quanto a radicais presos ("cronômetro", "termômetro"; "bursite", "otite").

Como observa Kastovsky (2009, p. 6), os critérios (4), função sintática, e (5), relação cabeça-modificador, não são realmente diferentes e se referem ao tipo de relação que se estabelece entre os constituintes núcleo (cabeça / *determinatum*).

e subordinado (modificador/determinante). Já destacamos que os elementos -logo, -grafo, -metro, -latra e -dromo são cabeças das construções de que participam, pois determinam tanto o gênero quanto a categoria lexical do produto, sendo, por isso mesmo, interpretados como sufixos.

O critério seguinte, natureza do significado, possibilita observar a densidade semântica dos elementos morfológicos: afixos têm, em geral, significados menos densos, enquanto FCs e radicais, segundo Préié (2008, p. 322), são "semanticamente mais ricos, quaisquer que sejam seus significados". Ralli (2008) também se vale desse parâmetro para confirmar a natureza não sufixal de constituintes como os analisados em grego moderno. Para ela, tais formas portam um significado lexical, que caracteriza raízes/lexemas, mas não afixos: "afixos expressam valores categoriais ou relacionais, manifestam noções temporais, espaciais, qualitativas e agentividade, restringindo o tipo de bases a que são adicionados e determinam o tipo de significado da palavra derivada". Em contraste, "lexemas expressam um conceito autônomo denotativo". (IACOBINI, 2004, p. 75)

O critério densidade semântica parece interessante para diferenciar prefixos de sufixos ou formas combinatórias, mas não necessariamente formas combinatórias de sufixos. Esses últimos manifestam significados que variam muito em peso, indo desde os que mudam classes e pouco contribuem para o significado da forma resultante até os que veiculam noções bastante especializadas, como é o caso de -ada, em dados como "rabada", "macarronada" e "feijoada". De acordo com Kastovsky (2009, p. 6), esse critério "aponta para uma escala em vez de uma distinção do tipo 'tudo ou nada' (*all-or-none*)".

Os significados expressos pelos formativos em exame – agente, locativo e instrumento – não diferem substancialmente dos encontrados em vários sufixos do português, a exemplo de -eiro, -ário, -ista e -dor. Esse critério, portanto, poderia ser utilizado em favor da análise de tais elementos como afixos.

Resta falar, ainda, de dois parâmetros discutidos em Kastovsky (2009): padrão morfossemântico e produtividade. O primeiro envolve a padronização automática, recorrente e modelada de palavras derivadas, enquanto FCs podem variar em estrutura, como os compostos. O próprio Préié (2008) admite que algumas FCs são fixas e acabam criando padrões morfossemânticos semelhantes aos da derivação, o que se confirma nos dados que estamos investigando. Por

fim, a produtividade, aqui entendida como passível de gradação, novamente nos levaria a analisar os elementos como afixos, pois formam palavras em série no português brasileiro.

Os dados apresentados ao longo deste artigo comprovam que os constituintes moveram-se para além dos domínios da composição prototípica, aparecendo em novos contextos e assumindo novos papéis. Ralli (2010, p. 2) destaca que há, na literatura, uma suposição implícita de que os elementos presos que aparecem como constituintes nessas construções devem ser tratados como formalmente aprendidos, “uma vez que não são produto da evolução natural, mas foram recuperados das línguas clássicas, principalmente nos últimos dois séculos”.

Embora falantes comuns não necessariamente tenham conhecimento etimológico, é evidente, a partir do uso, que a maioria das construções com esses elementos presos não corresponde a palavras fossilizadas. Nas novas formações, ao contrário, há transparência estrutural e semântica e as condições de isolabilidade dos formativos não poderiam ser melhores. Além disso, os itens lexicais resultantes não têm uso restrito na língua; também são empregados na linguagem cotidiana e fazem parte do vocabulário comum. Pode-se concluir, portanto, que as formações em *-dromo*, *-latra*, *-metro*, *-logo* e *-grafo* apresentam vários atributos que nos levariam pelo menos a rever a posição de que são compostas as palavras com esses constituintes.

Considerações finais

Neste trabalho, procuramos mostrar que são tênues as fronteiras entre a composição e a derivação, fato que levou autores como Kastovsky (2009) a idealizar um *continuum* entre esses dois processos de formação de palavras. O principal aspecto discutido no artigo, que reforça a proposição de um *continuum* com posição-derivação, é a mudança morfológica. Ao descrever o possível percurso histórico de cinco “radicais” eruditos de segunda posição – chamados, na literatura, de formas combinatórias finais (KASTOVSKY, 2009; WARREN, 1990) – observamos que atualmente as formações em *-dromo*, *-latra*, *-metro*, *-logo* e *-grafo* apresentam atributos que nos levariam a rever a posição dos gramáticos tradicionais, para quem são compostas as palavras com esses constituintes.

Com base nos dados, procuramos mostrar que os elementos em análise formam palavras em português e não necessariamente se combinam com bases presas. Além disso, destacamos que a vogal antecedente, antes imprevisível, atualmente é sempre uma média posterior, o que nos leva a questionar se esse segmento é, de fato, vogal de ligação, como sugerem as abordagens tradicionais, ou se, na verdade, é um constituinte fonológico dos formativos que se fixaram à direita.

O fato de três desses elementos também aparecerem na posição inicial, acreditamos, não invalida nossa hipótese, uma vez que:

- a) são pouco numerosos os exemplos, o que nos leva a afirmar ser rara a utilização dos formativos na margem direita da palavra;
- b) nenhuma forma recém-introduzida na língua faz uso de tais elementos na primeira posição; e, por isso mesmo,
- c) nenhum dos cinco constituintes em exame é passível de truncamento, fenômeno que ocorre apenas com radicais e prefixos, a exemplo de gastro-, eletro-, ultra- ("gastroenterologista", "eletrodoméstico", "ultrassom"), de um lado, e "bis-, ex-, pós-" ("bisssexual", "ex-marido", "pós-graduação"), de outro.

À exceção de -metro e -grafo, ainda assim em pouquíssimos casos, nenhum dos demais se combina sozinho com um afixo, seja ele prefixo ou sufixo. Todas as características apresentadas neste texto apontam para um possível deslocamento no *continuum* derivação-composição, o que sinaliza uma mudança de estatuto morfológico, de radical a afixo. Para Bauer (2005), essa é uma forte evidência empírica de que não há um limite preciso entre esses dois processos de formação de palavras, já que elementos podem *mudar* de status morfológico ao longo do tempo.

Notas

1. A recolha dos dados se deu durante o período de junho a dezembro de 2010 e contou com a participação das seguintes bolsistas de iniciação científica: Anne Karenine Guimarães Nascimento, Clarice Barcellos dos Santos Azevedo, José Augusto de Oliveira Pires, Karla Cristina dos Santos Kintz, Luciana Regina Cerqueira de Melo e Thaiane Santos Espíndola. Uma coleta menos sistemática foi feita, paralelamente, a partir de fontes diversas: jornais e revistas de grande circulação nacional, como o *Jornal do Brasil* e a revista *Veja*, além de dados ouvidos em diferentes situações de interação linguística, como conversas informais e programas

- de televisão. O projeto se encontra em andamento e os jovens pesquisadores vêm desenvolvendo estudos individuais sobre cada um desses elementos morfológicos.
- 2 Para Martinet (1979), prefixos são elementos que gradualmente adquirem característica de sufixo, mas, em decorrência da oscilação posicional, são considerados uma categoria à parte. A utilização de uma forma com a sequência -fixo para nomear essas entidades evidencia que o autor considera tais elementos como formas a caminho da derivação.
 - 3 Ao separarmos as palavras por grupos de afinidade semântica, a fim de verificarmos a recorrência de seus significados, identificamos as seguintes acepções para os formativos em estudo. Observe-se que há uma clara relação de polissemia. Muitas delas, como agente/instrumento, são encontradas em outros sufixos da língua, como -eiro (MARINHO, 2004) e -dor (MARINHO, 2009): -ólogo: agente especialista (historiólogo, biólogo), apreciador especialista (mulherólogo, cervejólogo); -ógrafo: especialista prático (historiógrafo, biógrafo), instrumento (cardiógrafo, tomógrafo); -ôlatra: adorador (idôlatra, astrôlatra), viciado (alcoôlatra, chocôlatra); -ômetro: unidade de medida (centímetro), instrumento (barômetro, bafômetro), medidor (olhômetro).
 - 4 Em linhas gerais, elementos como -metro e -dromo têm sido denominados de formas combinatórias (WARREN, 1990; LEHRER, 1996), ou seja, elementos que compartilham propriedades de radicais e afixos. Radicais gregos e latinos que se fixaram em uma borda específica da palavra, comportando-se, por isso mesmo, como prefixos (p. ex., tele-, em "telepizza", "telenovela" e "televidas") ou como sufixos (p. ex., -cracia, em "burocracia" e "dilemocracia") são exemplos de formas combinatórias para autores como Bauer (1998).

Referências

- AIVES, I. M. Aspectos da composição nominal em português. *ALFA: revista de linguística*, São José, v. 20, n. 1, p. 7-15, 1987.
- ANDERSON, S. *A-morphous morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa – digital*. São Paulo: Lexikon, 2009.
- BAKER, M. On derivational asymmetries in derivational morphology. In: BENDJABALLAH, S. et al. (Ed.). *Morphology 2000: selected papers from the 9th vienna morphology meeting*. Amsterdam: John Benjamins, 2000. p. 21-104.
- BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, W. et al. (Ed.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 97-108.